

# RIVALIDADE BRASIL-ARGENTINA: UMA CONVERSA COM PABLO ALABARCES E RONALDO HELAL<sup>1</sup>

*BRAZIL-ARGENTINA RIVALRY: A CONVERSATION WITH  
PABLO ALABARCES AND RONALDO HELAL*

FAUSTO AMARO<sup>2</sup>

FILIPE FERNANDES RIBEIRO MOSTARO<sup>3</sup>

## Apresentação

Desde 2019, o Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME) produz o podcast Passes e Impasses. Hoje um projeto de extensão da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a principal proposta do podcast é levar o saber acadêmico produzido no âmbito da interface entre comunicação e esporte para o público em geral, de forma reflexiva e acessível, construindo e compartilhando coletivamente esse conhecimento. A primeira edição do Passes e Impasses foi publicada em 22 de outubro de 2019 e, desde então, já foram lançados 76 episódios, nos quais entrevistamos grandes nomes do mundo acadêmico, da comunicação e do esporte, tendo debatido os mais diversos assuntos: cultura torcedora, racismo e diversidade no esporte, arenização, psicologia esportiva, e-sports, marketing esportivo, nacionalismos, rivalidades, idolatria, dentre outros.

Dentre os intelectuais convidados, tivemos a honra de entrevistar, no dia 26 de setembro de 2020, os professores Ronaldo Helal e Pablo Alabarces. A conversa, realizada de modo remoto, durou cerca de duas horas. Além de expoentes dos estudos socioculturais do esporte, Ronaldo e Pablo são amigos de longa data. Ambos se conheceram em um Congresso Nacional da Intercom, no final dos anos 1990, e desde então nunca deixaram de se falar. Em 2005 e 2006, Helal realizou estágio de pós-doutorado na Universidade de Buenos Aires, sob supervisão de Alabarces. Em outros momentos, Alabarces veio ao Brasil, para congressos e seminários. Embora a rivalidade entre Brasil e Argentina no futebol tenha sido o fio condutor da entrevista, a amizade entre os dois pesquisadores ditou o tom cordial e o clima descontraído que permeou a gravação.

1 Esta entrevista foi realizada no âmbito do projeto “Podcast Passes e Impasses”, iniciativa cadastrada no Departamento de Extensão da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Agradecemos a Marina Mantuano, Carol Fontenelle, Mattheus Reis e Leonardo Pereira, que trabalharam em diferentes etapas da produção, gravação e edição desta entrevista. Estendemos nossos agradecimentos a Letícia Ribeiro, aluna de Jornalismo da UERJ e bolsista de Iniciação Científica, e João Vazquez, graduando de Relações Públicas e bolsista de Extensão do LEME, pelo imprescindível trabalho de transcrição do material bruto da entrevista.

2 Professor adjunto do Departamento de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social da Uerj, docente permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação na mesma instituição e subcoordenador do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (Unidade de Desenvolvimento Tecnológico da Uerj). É bolsista Prociência na Uerj. Doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom/Uerj), com bolsa Faperj Nota 10.

3 Professor Adjunto do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Uerj. Coordenador do AudioLAb Uerj. Docente permanente do PPGCOM-UERJ. Pós-Doutorado em Comunicação pela UERJ. Doutor em Comunicação pelo PPGCOM - Uerj com bolsa CAPES. Professor da Pós-Graduação em Jornalismo Esportivo da UERJ. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ (2014).

**Entrevistadores:** Pablo e Ronaldo, existe alguma partida que tenha dado o pontapé inicial, nas representações da imprensa ou na literatura acadêmica, nessa rivalidade entre Brasil e Argentina no futebol?

**Pablo Alabarces:** Acho que a resposta é: a partida que iniciou a rivalidade foi a partida do Brasil contra a Suécia, em 1958. Isto é, claro, porque o grande rival da Argentina era o Uruguai. Para o futebol argentino, a rivalidade continental era com o Uruguai, não contra o Brasil. Ainda que, nas Copas Américas, a grande competição sul-americana desses anos, havíamos tido vários jogos, triunfos brasileiros e argentinos. Mas o futebol argentino não pensava no Brasil como o “grandíssimo”<sup>4</sup> rival, não até 1958. Ao mesmo tempo em que o Brasil ganha a primeira copa, acontece o primeiro “grandíssimo” fracasso no futebol argentino, que foi eliminado na primeira rodada, com um placar de 6x1 contra a Tchecoslováquia. Então, acho que o jogo inicial é o jogo do Brasil e Suécia. O Brasil alcança a primeira Copa, a “grandíssima” consagração mundial, e a Argentina, ao mesmo tempo, é lembrada pelo fracasso, que foi chamado “o fracasso da Suécia”, na mitologia do futebol argentino. E você, o que acha, Ronaldo?

**Ronaldo Helal:** Eu acho que é uma excelente hipótese. Eu acho que, do lado do Brasil, até 1958, a grande rivalidade do Brasil também era com o Uruguai, por conta do *Maracanazo*, em 1950. Mesmo em 1970, quando o Brasil venceu o Uruguai na Copa por 3x1, toda aquela memória de 20 anos atrás veio à tona. Acho que, no caso brasileiro, a implicância do Brasil é muito mais antiga que a da Argentina. Eu acho que ela começou a se acirrar na Copa de 1978 por conta do jogo, que foi zero a zero, Brasil e Argentina, mas aí a Argentina tinha que vencer, acho que, de quatro gols, o Peru, e venceu de 6x0, e aí ficou uma grande dúvida, de uma influência política. Eu sempre gosto de dizer: as pessoas se esquecem que, mesmo que tenha havido alguma influência política naquele placar, o time da Argentina era um “timaço”. Tinha uma equipe em condições de vencer a Copa do Mundo. E, aí, eu acho que a rivalidade foi se acirrando para o lado do Brasil, porque o Uruguai foi deixando de ser uma potência futebolística e como país também. Aí, o Brasil tinha que enfrentar um outro, para marcar sua alteridade, pois não tínhamos “outros” como a Argentina, que tem os ingleses, os chilenos e os uruguaios, além do Brasil. E a gente foi criando essa coisa com os argentinos. A Copa de 82, que o Brasil venceu a Argentina por 3x1, já havia uma rivalidade muito forte. Depois, em 1990, a famosa “era Dunga”, Brasil fez um “partidão” contra a Argentina e, numa jogada, o Maradona, de forma esplendorosa, genial, dribla cinco jogadores e põe o Caniggia na cara do gol. A partir de 1998, foi-se construindo uma comparação, que não existia antes, entre Pelé e Maradona. O Brasil foi ganhando Copas do Mundo, e a Argentina não ganhou. A impressão que eu tenho é que a nossa rivalidade é anterior ao do argentino conosco e mais intensa. Eu acho que depois, na era pós-internet, ela tá começando a ficar mais nivelada, de 2006 pra cá.

**Pablo Alabarces:** Eu acrescentaria mais uma coisa, não futebolística, que fala em favor da hipótese de 1958, que é, nos anos 60, após a ditadura, o explosivo desenvolvimento do Brasil, industrial, comercial, financeiro, e, então, essa ideia de Argentina e Brasil como dois grandes pólos econômicos latino-americanos, justamente, aparece. Se combinarmos a questão política, por exemplo, a ideia de Brasil e Argentina com uma hipótese de conflito militar, isso também é dos anos 60. Ainda mais, são conhecidas as boas relações do peronismo com o varguismo nos anos 40 e 50, então, acho que os anos 60 são também uma mudança nas relações políticas, militares e comerciais. O Brasil aparece como uma “grandíssima” potência econômica, política

4 Alabarces utiliza essa palavra em espanhol, nesse e em outros momentos, como sinônimo de “maior”.

e militar, enquanto a Argentina começa um processo de decadência. A respeito do que disse o Ronaldo, a aparição do Pelé. Miticamente, a Argentina tinha, segundo falava o mito argentino, os melhores jogadores do mundo. Por exemplo, a lenda do Alfredo Di Stefano, nos anos 50, que depois foi para o Real Madrid. A tradição falava do mito de que os jogadores argentinos eram os melhores do mundo. Mas, depois de 1958, aparece um bom jogador, que é, sem discussão nenhuma, o melhor jogador do mundo. E esse jogador é o Pelé. Acho que, a partir dali, é que começa a aparecer essa rivalidade muito específica, como falava Ronaldo. Depois disso, podia-se falar sobre a “era do Pelé” e a “era do Maradona”. Ninguém falava da “era dos jogadores uruguaios”, por exemplo.

**Entrevistadores:** O professor Ronaldo tem um artigo sobre essa questão entre Brasil e Argentina que se chama “Os hermanos nos amam”<sup>5</sup>. Aí, Ronaldo, você diz que, quando o Brasil jogava contra uma seleção europeia, as manchetes dos jornais argentinos tendiam “mais para o lado do Brasil, verde e amarelo”. Acho que é algo inimaginável hoje em dia, ainda mais que, na atualidade, o Diário Olé tem uma linha editorial, em relação ao futebol brasileiro, muito irônica, com muita sátira. Enfim, foi o que aconteceu: a Argentina torcia pelo Brasil na final contra a Itália em 1970. Como você enxerga esse processo? Qual motivo explicaria isso?

**Ronaldo Helal:** Assim, deixa eu explicar como é que surgiu meu projeto de fazer uma pesquisa sobre como a imprensa argentina narrava o futebol brasileiro. A partir dos nossos encontros na ANPOCS<sup>6</sup>, que é o congresso mais importante de ciências sociais no Brasil, quando o Pablo falava da fundação simbólica do futebol argentino, eu sempre achava muito parecida com a do futebol brasileiro. E o mesmo quando o saudoso, uma grande referência também, Eduardo Archetti, que faleceu em 2005, se não me engano, esteve na ANPOCS em 2003, também quando ele falava da fundação simbólica [do futebol uruguaio] eu percebia algo muito parecido com a fundação simbólica do futebol brasileiro. A minha pergunta era muito simples: se a fundação simbólica é muito semelhante, o que fazem os argentinos quando olham para o futebol de seu vizinho? Eles marcam uma outra identidade, o que é que eles fazem? Aí eu escolhi as Copas do Mundo de 1970 até 2002, posteriormente acrescentei a de 2006. Fui pulando de quatro em quatro anos. Então, quando parei para pesquisar na Biblioteca Nacional, lá em Buenos Aires, os jornais de 1970, comecei a ficar muito surpreso. A Argentina não foi naquela Copa. Você tinha naquela Copa Brasil, Uruguai e Peru, que tinha eliminado a Argentina, e o técnico era o brasileiro Didi. Havia uma tendência clara dos jornais a noticiar mais as três seleções da América do Sul. As manchetes da primeira página estavam lidando com outro caso argentino, que era o caso do sequestro do Aramburu. Aí, quando chega no jogo, depois que o Brasil vence o Uruguai e vai fazer final com a Itália, eu pensei que poderia ter uma tendência a uma certa “torcida” para a seleção italiana, por conta de um contingente migratório de italianos que existe na Argentina, e não foi o que eu vi. Teve uma hora em que um jornalista fala assim: “deixamos de ser objetivos, deixamos a neutralidade jornalística de lado, e passamos a torcer abertamente para o Brasil, que representa o futebol sul-americano, melhor futebol do mundo” e essas coisas. Em 1974 e 1978, eu percebi duas categorias que começaram a aparecer na minha pesquisa: Brasil, quando não jogava igual a 1970 (que era a referência de melhor futebol do mundo) era “o Brasil não se parece com o Brasil”; e, quando jogava igual a 1970 (como em 1982), falavam “esse Brasil é Brasil, se parece com o Brasil”. Mas essa categoria “não se parece com o Brasil” era uma categoria

5 HELAL, Ronaldo. Os hermanos nos amam. *Revista de História* (Rio de Janeiro), v. 68, p. 40-43, 2011.

6 Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.

de lamento, mesmo na Copa de 1978. Nessa Copa, o Brasil fez duas partidas muito ruins, uma contra a Suécia e esqueci a outra agora, em Mar del Plata, onde empata de 1x1. Aí, um jornalista importante lá da Argentina fala assim: “essa é a segunda vez que o Brasil faz uma partida horrível, e isso nos preocupa”. Como assim nos preocupa? Isso deveria ser bom para eles. Porque eles estavam esperando ver aquela plasticidade, a beleza do nosso futebol. E isso foi aparecendo em vários momentos, até na final de 1994, uma Copa do Mundo em que Maradona tinha saído, a grande estrela do Mundial. Foi feita uma pesquisa no final, e disseram que 60% torciam para o Brasil na final contra a Itália; 30% não torciam para nenhum time, porque o Maradona tinha saído e a Copa, para eles, tinha acabado; e só 10% para a Itália. Isso foi aparecendo na minha pesquisa, mesmo quando surge o Olé, em 1998, havia uma tendência ao Brasil, com o Clarín principalmente. E depois, em 2002, é aí que começa uma provocação maior ao Brasil, que vai se acirrando de 2006 para cá.

**Entrevistadores:** E agora uma pergunta, tanto para o Ronaldo quanto para o Pablo. Tem essa história, que o Pablo já mencionou, que essa provocação, que ronda a ideia de Pelé e Maradona, quem foi melhor no futebol, é algo que vem atravessando algumas gerações e, recentemente, foi mais reforçada. E é importante também lembrar que Pelé e Maradona não foram contemporâneos; Pelé parou de jogar em 1977, já no Cosmos, mas, mesmo assim, isso não impede as comparações entre os dois gênios do futebol mundial. Eu queria saber de vocês dois o que existe na parte antropológica e sociológica, na construção desses dois gênios do esporte, que emergem quando essa disputa é incentivada pela mídia? Quando a gente vê essa votação, que fizeram da FIFA, sobre o melhor atleta do último século, e o Maradona venceu, isso veio à tona novamente.

**Ronaldo Helal:** Bom, olha só, isso não apareceu no meu material de pesquisa, como eu tinha falado, até 1998. 1998 tinha o livro de ouro do Clarín, Alabarces me emprestou. Tinha no meio eles dois: o Pelé como rei, Maradona como seu herdeiro. Não tinha isso [rivalidade]. A minha hipótese é que, mesmo quando eu perguntava aos argentinos sobre quem tinha sido o melhor, a resposta é que não se podia comparar, porque eram épocas distintas, que era uma heresia a comparação. Até o Roberto Perfumo, que eu tive a honra de entrevistar, falou a mesma coisa para mim. Ele jogou contra o Pelé algumas vezes, tanto pela seleção argentina quanto pelo Cruzeiro. O Perfumo, inclusive, está na eleição dos torcedores do Cruzeiro como melhor zagueiro de todos os tempos. Então, isso não aparecia para mim. Aí, houve uma partida, em 2005, entre o Brasil e a Argentina, em que o Brasil perdeu de 3x1 nas eliminatórias. E, 21 dias depois, ele jogou a final da Copa das Confederações e ganhou de 4x1. Tem uma matéria no Olé, do Marcelo Sottile, que conheci pessoalmente, jovem jornalista, em que ele começa falando assim: “muitos elogios ao time brasileiro” e diz para o torcedor fanático da seleção argentina que não leia aquela matéria. Diz que estava encantado com o futebol brasileiro, mas termina assim: “Maradona é argentino e foi maior do que Pelé”. Então, entra como elemento compensatório, tipo assim: “os brasileiros são os profissionais do jogo bonito, mas aquele que mais jogou bonito, não é brasileiro, é o Maradona!”. Então, assim, o esporte, ele vive dessas comparações. Não sei se é possível comparar, de fato, mas, antropológicamente, o que significa essa comparação entre Pelé e Maradona? É isso que a gente tem que pensar.

**Pablo Alabarces:** Acho a mesma coisa, isto é, quando estamos falando da comparação Pelé e Maradona, não estamos falando do futebol, isso é comparação entre dois “grandíssimos” jogadores. Estamos pensando geograficamente. Eu, com 58 anos, por exemplo, nunca vi Pelé em campo. Por que? Porque Pelé jogou pouco na Argentina. Então, nunca o vi no campo de jogo. Já

vi Maradona jogar. O Pelé assistia pela TV e assisti a muito poucos jogos da Taça Libertadores, por exemplo, muito poucos. Não me lembro de nenhum. Mas, sim, assisti à Copa de 70. Então, vi jogar o “melhor Pelé” e vi jogar o “melhor Maradona”, mas isso em tempos distintos. Então, a comparação futebolística acho impossível. Não pode ser feita. São dois futebois distintos. Então, se joga de um jeito até o final dos anos 70, se joga de um outro jeito desde o começo dos 70, que são os anos do Maradona. Não estamos falando de futebol. Agora, bem, o que é muito interessante é que, em ambos os casos, o que estamos falando são das significações desses dois jogadores, além do futebol, para cada uma dessas sociedades. Isto é, o que significou Pelé para a sociedade brasileira, e o que significou e significa ainda hoje<sup>7</sup> Maradona para a sociedade argentina. Um exemplo de agora: uma estudante, há três ou quatro dias, escreveu para mim e me disse para acessar uma matéria de um livro (ou revista) argentino que se chama “O Deus Argentino”. Não tinha que me dizer nada para que eu pudesse entender que a matéria era sobre o Maradona. Sim, porque o apelido mais frequente para o Maradona era “o deus”. Assim como, para o Pelé, era ser “o rei”. Então, estamos falando de dois caras, cujas sociedades os chamaram de “rei” e “deus”, e acho que isso deixa tudo muito claro, isto é, estamos falando de duas significações muito fortes para cada cultura, cada sociedade, cada história. Nesse sentido, acho que os dois são incomparáveis. Isto é, o Brasil nunca vai ter um jogador como Pelé, assim como a Argentina nunca vai ter um jogador como Maradona. Melhores jogadores? Não sei. Não sei se Messi é melhor do que Pelé ou Maradona. Não sei. Isso seria falar de futebol. Mas não estamos falando de futebol. Essa é a ideia, não é? Isto é, a significação de Maradona. Para fazer uma comparação, eu me lembro de, quando eu era menino, uma *gira* [turnê] do Santos pela África e que, então, apareceu o nome “Biafra”. Biafra era o nome de uma parte da Nigéria onde havia uma guerra civil. Uma das minhas lembranças de infância é que a guerra de Biafra era muito selvagem e que custou muitas vidas. E me lembro, como menino, da notícia de que o Santos havia ido jogar na Nigéria e a guerra civil havia entrado em uma trégua para ver jogar o Pelé. Vinte anos depois, [vemos] a significação de Maradona em lugares fora da Argentina, a exemplo da Itália, onde ele foi muito importante, ou quando ele é expulso na Copa de 94, que aparecem mobilizações em favor de Maradona no Paquistão. Então, o que estamos dizendo é que são seres, são jogadores de futebol, símbolos muito claros, muito chaves, das nossas culturas, das nossas histórias e das nossas sociedades. Um melhor e um pior? Não, não se pode falar disso.

**Ronaldo Helal:** Dentro disso que o Pablo falou, tem um detalhe que eu queria mencionar, a questão dos afetos. O Maradona está muito mais presente afetivamente, no coração dos argentinos, do que o Pelé no Brasil. O brasileiro não admite a comparação, mas ele não tem esse carinho pelo Pelé que os argentinos têm pelo Maradona. Pelé, as pessoas gostam de repetir o que o Romário falou uma vez: “Pelé é um poeta quando está calado”. Então, assim, o ser humano Pelé, o cidadão Pelé, as pessoas têm muita restrição aqui no Brasil. Achavam que ele tinha que ter feito mais pelos negros brasileiros, pelos jogadores de futebol, que têm posições muito conservadoras e retrógradas. Então, assim, o carinho que eu percebia dos argentinos pelo Maradona, eu nunca percebi pelo Pelé [por parte dos brasileiros]. E o Maradona tinha uma coisa tão interessante, na minha observação em Buenos Aires, é que ele, por exemplo, tem uma livraria, que é uma livraria basicamente de ciências sociais, que é a Prometeo, entrei em uma dessas, não sei se na Santa Fé, e tinha um quadro do [Jorge Luis] Borges, escritor, outro do [Julio] Cortázar e outro do Maradona. Eu nunca entendi o que o Maradona estaria fazendo ali.

Você vai perto do Boca Juniors, ali no Caminito, você tem tipo umas estátuas assim, acho que é o Aníbal Troilo (da orquestra de tango), tem Evita Perón, não sei se tem o Perón, e o Maradona. Em bancas de jornais, você via Che Guevara e Maradona. Então, o Maradona vai entrando em áreas que o Pelé nunca entrou aqui no Brasil, acho que nenhum jogador de futebol entrou. E o Maradona entrava. Então é só um detalhe para a gente ver essa diferença.

**Pablo Alabarces:** Acho a mesma coisa. Eu não posso fazer essa comparação, isto é, não tenho visto imagens do Pelé na vida cotidiana brasileira que eu conheci. Eu não tenho visto isso. Um detalhe: ainda que concorde completamente com o que você [Helal] disse, a categoria-chave é afeto, amor, é uma relação amorosa entre Maradona e o povo argentino, mas, ao mesmo tempo, não é universal. Isto é, também tem marcas de classe. Para as categorias de classe étnicas argentinas, Maradona é uma pessoa negra. É uma classificação mais de classe do que de raça, mas o que eu quero dizer é: não é um símbolo absoluto e universal. Mas, sim, isso fica muito claro quando, no ano passado, ele retorna à Argentina para dirigir o Gimnasia y Esgrima La Plata. Então, era muito engraçado ver como, cada vez que a Gimnasia jogava fora, de visitante, todas as torcidas recebiam Maradona; ainda que sendo o técnico de outro time, Maradona era Maradona, não era o inimigo. Mas por quê? Pela relação amorosa, claro, do público futebolístico argentino com Maradona<sup>8</sup>.

---

8 Por questões de espaço, essa é apenas uma transcrição parcial da gravação. A entrevista completa está disponível no site do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte: <<https://wp.me/pfDlaj-5Vf>>.